

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CONTEXTO ESCOLAR

Raiany Silva Diniz¹
Luana Oliveira Carvalho²
Damião Kennedy da Silva³

INTRODUÇÃO

No Brasil a variedade das diferenças linguísticas se mostra presentes em todo país, sendo elas regionais ou culturais, adotando uma linguagem diversa de acordo com cada cultura regional, mostrando assim que a língua não tem um padrão, pois as formas de se falarem se adequa a cada condição sociocultural. No contexto escolar, é notório que essa narrativa não se adequa, pois, a língua transmitida para os alunos, é somente uma, sendo a norma culta-padrão, nos levando assim ao seguinte questionamento: "Como o preconceito linguístico afeta a vida dos alunos?" tendo como objetivo geral analisar a discriminação linguística nas escolas, e como isso afeta a vida dos estudantes.

O estudo tem como base uma abordagem qualitativa sendo feita através de pesquisas bibliográficas, levando em conta a obra da autora (Soares 2000) que faz uma crítica severa a ideologia da diferença cultural que tem como argumento a definição o “déficit” linguístico” que seria uma deficiência na linguagem de classes desfavorecidas, onde alunos considerados “pobres” teriam assim mais dificuldade no seu desempenho e desenvolvimento escolar sendo denominados como “carentes” e até mesmo “deficientes” levando as instituições a denominarem o aprendizado dos alunos segundo o contexto cultural pelo qual ele faz parte, sendo a principal fonte suas relações familiares. Acrescer também o ponto de vista pertinente a esse estudo a percepção da escritora (Maria 2004) que nos evidencia que há ainda um despreparo das instituições de ensino perante as tamanhas variações linguísticas, pois em muitas ocasiões se é corrigido as pronúncias e não a coesão de frases ou então a oralidade e não as regras gramaticais, outrora corrigem em momentos inoportunos tirando assim o raciocínio do aluno e até mesmo não levando em conta o contexto pelo que qual o estudante é inserido, nos levando ao entendimento que ainda há um desconhecimento perante as maneiras de se falar, sendo elas “gírias” “sotaques” “dialetos regionais ou culturais”

¹ Graduanda do Curso de licenciatura em Pedagogia, UEMASUL, raiany.diniz@uemasul.edu.br;

² Graduanda do Curso de licenciatura em Pedagogia, UEMASUL, luana.carvalho@uemasul.edu.br;

³ Professor orientador, especialista, - UEMASUL, professorkennedyuemasul@gmail.com;

Com base nas autoras, pode-se perceber que quando o aluno não segue essa perspectiva dada pela escola tanto no contexto social quanto cultural, é identificado previamente preconceitos diante das diferentes variações linguísticas ocorrendo em muitas vezes violências simbólica para com os estudantes. As mesmas deixam evidentes que há um despreparo e um incentivo da escola para que esses preconceitos mediante a língua continuem ocorrendo quando se estimulam julgamentos prévios ao aluno diante do seu contexto sociocultural e regional, e quando, ao tentarem reverter o dialeto dos mesmos fazem de maneiras inadequada e incorreta ocasionando assim a violência simbólica para o aluno que é a exclusão de alunos que não se enquadram perante as condições da norma considerada culta/padrão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dessa forma, podemos analisar como os alunos vêm sendo afetados diante dessa temática, (Soares, 2000, p.11) ela trata que

{...} Passa, assim, a ser "justo" que a escola selecione os "mais capazes" (por exemplo: através dos exames vestibulares), classifique e hierarquize os alunos (por exemplo: em turmas "fortes" e turmas "fracas"), identifique "bem-dotados" e "superdotados", e a eles dê atenção especial, e oriente os alunos para diferentes modalidades de ensino (por exemplo: os "menos capazes" para um 2.º grau profissionalizante, os "mais capazes" para um 2.º grau que leve ao acesso a cursos superiores).

A autora faz uma crítica de como a escola ao escolher somente os "melhores" alunos, faz com que os alunos que não atendam essa perspectiva de altos níveis de inteligência exigidos pela escola, principalmente no âmbito de linguagem, terminam não sendo inseridos no contexto pedagógico. Por exemplo, quando se é atendido de forma especial somente aqueles que seguem a norma culta/padrão da língua para que eles continuem a ter um bom rendimento e assim contribuindo para o desempenho da escola e quanto aqueles que tenham "dificuldades" em seus dialetos ficam de fora das programações e atividades, demonstrando o desinteresse na inserção de determinados grupos de alunos.

Esse pensamento das autoras mostra que muitas vezes as escolas se preocupam mais com índices de eficiência e de rendimento do que com a inclusão sem preconceitos das diversas variações presentes no contexto sociocultural do Brasil. Nota-se que é necessário pensar o aluno para além da sala de aula, percebendo e valorizando o seu contexto social, o meio onde ele vive e se comunicar no dia-a-dia além de promover uma educação multicultural e que valoriza o pensar e o falar dos alunos em todas as suas singularidades.

Além disso, em outro momento da obra, (Soares, 2000) diz que, segundo os testes psicológicos foram apresentando que as crianças que tinha carências afetivas, deficiências perspectivas e motoras, privação cultural e déficit linguístico vieram de uma classe social denominada baixa, culpando assim o seu contexto social cultural e a mesma pelas dificuldades na linguagem, no seu aprendizado cognitivo, intelectual e comportamental. Com base nessa perspectiva a escritora (Maris 2004, p.42) enfatiza a essa narrativa dizendo que:

É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é sem causar interrupções inoportunas. Às vezes, será preferível adiar uma intervenção para que uma ideia não se fragmente, ou um raciocínio não se interrompa. Mais importante ainda é observar o devido respeito às características culturais e psicológicas do aluno. A escolher entre a não-intervenção sistemática e a intervenção desrespeitos, ficamos, é claro trato inadequado ou até desrespeitoso, com a primeira alternativa.

Nos fazendo entender que ao ensinar sobre as diferenças da língua ao aluno não tem venha sofre principalmente com uma violência simbólica, por exemplo ao ser interrompido ou interrogado o levando ao constrangimento por não “está falando da maneira correta”, podendo-se gerar traumas para o indivíduo, como baixa autoestima, insegurança, desinteresse e até mesmo o abandono escolar. Sendo de essencial modo compreender cada indivíduo com as suas singularidades e mostrar a diversidade que é vivida por cada, fazendo que se percebam que existem diferenças na língua em todas regiões e culturas do Brasil, e que nem uma delas estão necessariamente erradas, tornado assim de essencial importância a inclusão e o respeito para com todos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, percebemos como o preconceito linguístico afeta diretamente na vida e no rendimento escolar do aluno. Além disso, é relevante refletir sobre a forma como a escola se posiciona em relação às diversas variações linguísticas presentes no contexto escolar. E pensar também que essas variações são parte de quem os alunos são e forma o ser humano que está na sala de aula, e que tirar esse traço dos alunos não acrescenta no ensino ou sequer

umentará 9 seu rendimento escolar, mas vai gerar baixa autoestima, além de promover possíveis problemas com bullying e falta de respeito por parte dos outros alunos.

É importante ressaltar que a escola é um espaço destinado a contribuir com o crescimento e formação de caráter e cidadania do aluno, e a melhor forma de se ter uma educação que englobe todas as diversidades existentes no Brasil é garantindo que essas singularidades não se percam.

As consequências do preconceito linguístico na educação incluem desmotivação, baixa autoestima, dificuldade de aprendizado e exclusão social, esses problemas podem ser amplificados de maneira assombrosa se a escola for uma contribuidora para que o preconceito linguístico ocorra. Portanto é fundamental que as escolas reflitam sobre a importância do ensino multicultural que além de valorizar as variadas culturas garante que haja uma formação respeitosa dentro das salas de aula e que os alunos enxerguem um ao outro sem preconceitos preconcebidos ou fomentados pelos professores.

Não estamos querendo aqui com esse trabalho negar a importância de se ter um amplo conhecimento da norma considerada culta/padrão pois ela auxilia em momentos de importância na vida dos alunos como em entrevista de emprego, porém é possível ensinar a norma culta sem desvalorizar os dialetos, gírias e sotaques que os alunos levam consigo. Dessa forma as escolas serão espaços de interação e inclusão social gerando respeito e conhecimento sobre o outro sem ferir a cultura ou o falar dos seus alunos.

Em síntese é possível promover um ensino que valorize as diversas variações linguísticas presentes no Brasil, e algumas maneiras de se trabalhar na sala de aula, é explorando o que o país entrega de forma gratuita como cultura, literatura de Cordel, raps, forró e as mais diversas formas de cultura presentes no cotidiano dos alunos.

Palavras-chave: Variedades da língua, Preconceito Linguístico e escola.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a Deus por me sustentar e apoiar ao longo desta jornada acadêmica, especialmente nos momentos em que a motivação parecia faltar. Agradeço profundamente à minha família, cujo apoio incondicional foi essencial para que eu pudesse continuar.

Minha imensa gratidão também vai para minhas amigas Helen, Luana, Andressa, Camyle e Taline, que acreditaram no meu potencial desde o início e estiveram ao meu lado em cada etapa deste processo.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. A cada um de vocês, meu mais sincero obrigado.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna a sociolinguística na sala de aula:** a variação linguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004. 56 p.

Bortoni-Ricardo (2004)

SOARES, Magda. **Linguagem e escola uma perspectiva social:** deficiência linguística. 17. ed. São Paulo: Ática, 2000. 96 p. Soares (2000)